

SOBRE TEORIA CRÍTICA E TEORIA ESTÉTICA

CALEGARI, Lizandro Carlos. *Crítica da cultura, crítica da modernidade: a representação da literatura no século XX*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

Adriana Claudia Martins¹

Crítica da cultura, crítica da modernidade: a representação da literatura no século XX é um livro de autoria de Lizandro Carlos Calegari, professor de Literatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). A preocupação central da publicação, nas palavras do próprio autor, é “estabelecer relações entre a teoria crítica e a teoria estética” (CALEGARI, 2016, p. 07). O crítico versa, portanto, sobre um assunto não apenas atual, mas relevante aos pesquisadores e leitores desta obra, a qual consiste no quarto volume da Coleção Foco, publicada pela Paco Editorial, em 2016.

Além de contribuir com um levantamento dos principais conceitos apropriados pelos pensadores da Escola de Frankfurt, é possível afirmar que há riqueza nas discussões presentes no livro, o qual deixará o leitor estimulado a conhecer ainda mais o universo acerca das relações entre literatura e sociedade. Com clareza na linguagem e com a singularidade das reflexões, o autor convida a todos para o diálogo. Nesse viés, ainda na “Introdução”, o autor explicita seu desejo, afirmando esperar que a leitura do livro suscite outros debates a respeito da função da literatura na apreensão da sociedade e da cultura.

Quem escreve o prefácio do aludido livro é João Luis Pereira Ourique, professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFPel. Com o título “No zênite da reflexão”, Ourique sublinha que Calegari faz jus às teorias articuladas em seu texto, já que realiza um recorte apropriado dessas e condensa a variedade de ideias dos pensadores eleitos à discussão. Nesse panorama, a obra está organizada em treze capítulos, a seguir enunciados.

No primeiro capítulo, “Sobre literatura e sociedade: possibilidades de intersecção”, Calegari explica que há um vínculo dialético entre literatura e sociedade e, para elucidar as suas premissas, destaca alguns pensadores notórios que fazem essa interlocução. Assim, nesse espaço, ele apresenta Antônio Candido, Georg Lukács, Lucien Goldmann e Mikhail Bakhtin.

Calegari desenha o segundo capítulo com um pertinente texto intitulado “Karl Marx: reificação e fetichismo”. Nessa seção, o autor discute a dialética marxista, partindo de Hegel, e toma

¹ Doutora em Educação e Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria/RS; Mestre em Letras na Universidade Católica de Pelotas/RS; Graduada e Especialista em Letras na Universidade Franciscana/RS; Professora Pesquisadora I na Universidade Aberta do Brasil (UFSM). E-mail: teacheradrianacm@hotmail.com

como base os estudos de Karl Marx. Nessa linha de reflexão, o autor afirma que “o mundo não é o que parece ser, mas uma construção definida, no caso, por uma ideologia de mercado. Essa ideologia confunde o ser humano, pois ele se julga um ser pensante, quando, na verdade, é pensado pela ideologia e administrado pela mercadoria” (CALEGARI, 2016, p. 27).

O capítulo terceiro é uma aula dialógica, pois, ainda que Calegari não esteja em nossa frente, ele é capaz de marcar presença e se fazer fundamental na mediação para a apreensão dos fatos daquele que lê. O autor nos traz, assim, “A Escola de Frankfurt e a teoria crítica da sociedade”. Nesse espaço, o pesquisador explicita o que é a Escola de Frankfurt, como ela se constituiu e como suas ideias tiveram continuidade após a morte de Theodor Adorno, descrevendo, inclusive, sobre o próprio fim dessa Escola. Destarte, Calegari abre e fecha o capítulo, explicitando a lógica das teorias dos frankfurtianos e a sua importância para os estudos de literatura.

No quarto capítulo, o autor apresenta algumas reflexões sobre as relações entre “Teoria tradicional e teoria crítica”. Nesse sentido, abre espaço para uma compreensão da teoria tradicional e da teoria crítica em Horkheimer. Ainda nessa seção, Calegari pondera que “a consciência dos mecanismos internos da sociedade, da sua estrutura, possibilita ao homem chegar à convicção da necessidade de luta pela transformação” (CALEGARI, 2016, p. 44).

No quinto capítulo, “Técnica e ciência enquanto ideologia”, partindo de Habermas, Calegari afirma que “a ciência e a técnica passam a constituir uma forma nova e eficaz de dominação na sociedade capitalista” (CALEGARI, 2016, p. 45). O autor cita renomados representantes da Escola de Frankfurt para explicar sobre uma face da constituição da realidade, ressaltando o argumento segundo o qual o esclarecimento teria nos conduzido à barbárie no século XXI. Partindo do duodécimo canto da *Odisseia*, em que surge o personagem Ulisses, Calegari situa o leitor no reconhecimento da realidade social e profere que

o homem tornou-se sujeito de si e do mundo em que vive, mas, nesse percurso, acabou esquecendo de pensar sobre si mesmo como totalidade. Ulisses, como senhor, como proprietário, ainda escuta as sereias, mas não pode a elas se abandonar, porque está preso aos próprios mecanismos que criou para manter os seus domínios. Há apenas o caminho que conduz ao progresso e ao desenvolvimento da sociedade, mesmo que internamente seus apelos ao prazer e a contínuem a ecoar. (CALEGARI, 2016, p. 55-56)

Nessa conjectura, o autor discorre, no sexto capítulo, “Sobre o conceito de esclarecimento em Adorno e Horkheimer”. Já no sétimo capítulo, Calegari escreve sobre “A indústria cultural”, afirmando que essa conserva “relações com o processo de circulação do capital, que é o comércio, em que tem sua origem. Logo, se tudo funciona dentro da lógica do mercado, concluem os autores da *Dialética do esclarecimento*, a arte serve como um elemento ideológico” (CALEGARI, 2016, p. 67).

“A teoria da semicultura ou a pseudoformação” é o título do oitavo capítulo da obra, em que o autor afirma que “as condições modernas estão assentadas em estruturas que conduzem os indivíduos à alienação” (CALEGARI, 2016, p. 71). O que também merece ser anotado está no nono capítulo, acerca de “Walter Benjamin e a pobreza de experiência na modernidade”. Nessa seção, Calegari escreve sobre a ligação existente entre o término da arte de contar histórias e o fracasso da experiência, conforme defende Benjamin.

No décimo capítulo, Calegari traz notas explicativas sobre as teses do ensaio “Sobre o conceito da história”, de Walter Benjamin. Nesse texto, Benjamin critica o ideal progressista ao salientar que há vozes que precisam ser ouvidas, aquelas emudecidas pela história oficial. Portanto, Calegari aproxima-nos do questionamento crítico acerca da produção cultural no mundo capitalista à luz de Benjamin, que acreditava que a reprodução da obra de arte não preservava sua áurea.

Há muito de interessante na obra que nesta resenha não cabem detalhes, mas que são importantes e que estão presentes no livro em questão. É preciso ler, portanto, para vivenciar e concretizar as próprias relações de sentido. Nessa perspectiva, no décimo primeiro capítulo, Calegari traz ao debate “A Escola de Frankfurt e a teoria estética”. Os pensadores referenciados neste capítulo, Walter Benjamin e Theodor Adorno, importam para nossa reflexão atual, em especial, sobre a estética.

Assim, Calegari propõe no décimo segundo capítulo, uma pertinente discussão sobre “História, trauma e literatura”. As inéditas experiências na história da humanidade fizeram com que a literatura se colocasse de modo distinto face aos séculos anteriores, assim críticos interpretam a arte e a modernidade produzidas na contextura histórica do século XX. Nesta seção o autor declara que

a gravidade e a intensidade do evento não permitem que se assimile uma experiência como o Shoah sem sofrer o seu impacto. Portanto, representar a experiência da catástrofe em proporções tais como a história do século XX demonstrou, implicaria uma renúncia dos modos convencionais de representação, pois estes seriam incapazes de preservar a singularidade da experiência e a perplexidade que deve acompanhá-la. (CALEGARI, 2016, p. 113)

Entre as páginas 115 e 133, no último capítulo da obra, Calegari desenvolve uma “Crítica sociológica frankfurtiana: fetichismo, reificação e desumanização em *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu”. Nessa seção, o autor lembra que a literatura não poderia adotar uma postura descompromissada diante das experiências traumáticas da humanidade. Ele interpreta os contos “Gravata” e “A margarida enlatada”, quando tendências modernas e contemporâneas são revela-

das, na dimensão de questões presentes no capitalismo, as quais nos levam a refletir acerca da mísera lógica desta sociedade.

Logo, neste interim de resenhar o livro, fui avaliando um capítulo como o melhor do livro, mas isso apenas foi possível até imergir em outro capítulo e, assim emergir com uma nova e mais significativa tessitura de Calegari. Nessa perspectiva de uma leitura que nos [trans]forma, o autor encurta caminhos ao nosso entendimento teórico e crítico. Enfim, ele cumpre o papel que tem com a produção da obra, cativando os leitores no compartilhamento de suas leituras e vivências como pesquisador e professor.

Em *Crítica da Cultura, crítica da modernidade: a representação da literatura no século XX*, obra com 148 páginas, a historicidade dos saberes é respeitada por Lizandro Carlos Calegari, que se coloca próximo aos leitores, trazendo contribuições significativas e interessantes, em especial, ao campo em que atua. Por esse elenco, este é um livro importante a todos que se inserem no cenário da crítica literária.